



Ciência e meio ambiente:
urgências para o ensino
de jornalismo

22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo
e IV Congresso de Jornalismo da Amazônia

De 25 a 28 de Abril de 2023

local: Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Manaus/AM



RELATO DE EXPERIÊNCIA

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NA EXTENSÃO: PERCURSOS DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIRG

Ana Carolina Costa dos Anjos; ana.c.c.anjos@unirg.edu.br
Anette Maria Rodrigues Silva Bento Oliveira; anette.m.r.s.b.oliveira@unirg.edu.br
Maurício Hiroaki Hashizume; mauricio.h.hashizume@unirg.edu.br
Alessandra Gomes Duarte Lima; aleduarte@unirg.edu.br

RESUMO

Este relato trata sobre a experiência do projeto de extensão do curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi (UnirG), “Rum, conversa! Educação midiática em pauta”, que ao longo de dois anos trabalhou com oficinas em escolas do ensino médio localizadas no município. Em 2023, após ministrar minicursos em instituições parceiras começamos a desenvolver produtos midiáticos. Essa nova fase do projeto evidenciou o complexo campo de tensão entre a educação midiática e as crenças prévias individuais no contexto de plataformização e midiatização, revelando a necessidade da (re)elaboração de conteúdos críticos. Nesse contexto, a promoção da educação midiática se firma como um poderoso mecanismo de construção de conhecimento, por meio do qual acadêmicos(as), docentes e a sociedade estabelecem diálogos democráticos no contexto da pós-verdade.

PALAVRAS-CHAVE

Projeto de Extensão. Educação Midiática. Rum, conversa. UnirG.

1. INTRODUÇÃO

Neste relato de experiência, buscamos apresentar e discutir os processos que envolveram o desenho do terceiro ano do projeto de extensão do curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi (UnirG)¹, “Rum, conversa! Educação midiática em pauta”. Para tanto, resgatamos o histórico do mesmo no primeiro subtítulo e na sequência apresentamos o arcabouço teórico e os contextos sócio-comunicacionais a partir dos quais foram desenvolvidas as habilidades da Educação Midiática, a saber: acesso, análise, criação e participação de maneira crítica de ambientes informacionais e

¹ O curso de Jornalismo existe desde 2001. Vale ressaltar que, no estado do Tocantins, apenas duas Instituições de Ensino Superior (IES) ofertam o curso de Jornalismo na modalidade presencial, a UnirG e a Universidade Federal do Tocantins (UFT) na capital, Palmas (região central do estado).

mediáticos. Desta forma, o texto está dividido em duas partes e ao final apresenta as considerações finais e os horizontes de expectativas.

2. “Rum, conversa!”: dois anos de Educação Midiática

O projeto de extensão “Rum, conversa!”: Educação midiática em pauta” está em seu terceiro ano de execução. Foi pensado no final de 2020, primeiro ano de pandemia, para ter início em 2021. Na ocasião, se chamava “Educação Midiática: o papel da comunicação na construção da consciência cidadã”, mas ao ser renovado, em 2022, os(as) discentes extensionistas(as) escolheram um novo nome: “Rum, conversa!” - expressão irônica local pronunciada com sotaque nortista/sul-tocantinense que demonstra duvidar ‘de que algo que esteja sendo dito por alguém seja verdade’. Em 2021 e 2022, o projeto ofertou oficinas em diversas escolas de ensino médio do município de Gurupi, cujo tema era a desinformação. A oficina “Eita, perai! Como saber se uma mensagem é confiável?” – buscava apresentar e discutir com alunos(as) os vários tipos de desinformação (Falsa conexão, Falso Contexto, Manipulação de Conteúdo, Sátira e Paródia, Conteúdo Enganoso, *Deep Fake*, Conteúdo Impostor e Conteúdo Fabricado) e como se prevenir, afinal, é sempre melhor do que remediar. Já a oficina “O perigo das informações falsas” abordava as consequências da desinformação, tanto o impacto no exercício da cidadania, como também em questões socioculturais como: a cultura do cancelamento, discurso de ódio e *cyberbullying*. Abaixo algumas imagens das oficinas ministradas em 2021 e 2022.

Figura 1: Oficinas realizadas nas escolas de ensino médio em Gurupi (TO)



Fonte: Extensionistas do curso - Arquivo do curso de Jornalismo

O “Rum, conversa!” ainda tinha outras duas frentes, sendo uma o processo de checagem de fatos, na qual discentes realizavam a checagem de informações duvidosas que circulavam nas plataformas e aplicativos digitais e depois produziam um texto jornalístico. Tanto a checagem, apuração e produção textual eram orientadas pelos(as) professores(as) e, uma vez finalizado, era publicado no blog do projeto². Além disso, também eram desenvolvidas atividades de prestação de serviços de assessoria de comunicação a pequenas empresas de Gurupi e região, terceira frente do projeto.

Com o fechar do biênio, mudança no quadro de professores(as), percepção sobre a recepção das oficinas, novas demandas e discussões sobre os impactos do projeto, apostamos em dar ênfase a outras habilidades da Educação Midiática. Isto é, se no primeiro momento o foco estava em apresentar ferramentas e conceitos para o acesso

² Endereço do blog: <https://rumconversa.blogspot.com/>

e análise crítica de ambientes informacionais e midiáticos (em todos seus formatos e gêneros), agora, em 2023, apostamos em promover as habilidades de criação e participação a partir do desenvolvimento de produtos midiáticos que, neste primeiro momento, serão: podcasts e fotografias. Já no que se refere ao formato, pensamos que ao invés de desenvolver oficinas pontuais em diversas escolas deveríamos priorizar processos de ensino-aprendizagem mais longos e contínuos, mesmo que isso impeça de atender mais unidades escolares.

Assim, a nova roupagem do projeto de extensão tem mais diálogo com o ensino (matriz de Jornalismo de Dados), extensão curricularizada e projeto(s) de pesquisa desenvolvidos pelo curso (que discute a ecologia midiática). Ademais, temos como horizonte a produção e disseminação de conteúdo midiático crítico que relacionem à produção de conteúdo com questões ambientais, étnicas, raciais, de gênero e territoriais. Questões essas que apareceram em diversos momentos de oficinas como demanda.

Com base nessa nova configuração, uma primeira experiência de minicurso sobre a temática “Desinformação na era digital e os desafios da comunicação pública” foi organizada em uma parceria do curso com a Câmara Municipal de Gurupi. Construída a partir de demandas e propostas de ambas as partes, a iniciativa contou, em seu primeiro encontro (ocorrido em 17/03/2023, no plenário do legislativo municipal) com participação efetiva de 43 pessoas, a maioria delas trabalhadoras e trabalhadores, em diversos cargos e funções da própria Câmara. Estabeleceu-se o formato de quatro encontros (entre os meses de março e maio) com duração de duas horas cada, sendo os dois primeiros mais “teóricos”, dedicados a explicações mais amplas sobre as temáticas acompanhadas das devidas contextualizações. E os dois últimos mais “práticos”, com ênfase na produção de conteúdo (podcasts) no estúdio de rádio da universidade. Nos processos de divulgação, acolhimento e avaliações iniciais acerca do minicurso, foi possível notar um interesse substantivo por essa temática da comunicação no contexto atual, com variados focos e intencionalidades.

Figura 2: Abertura do minicurso sobre desinformação na Câmara Municipal de Gurupi



Fonte: Hashizume (2023)

Uma vez apresentado um breve histórico do projeto, no próximo subtítulo discutimos os pressupostos teóricos que orientaram nosso percurso.

3. Pós-verdade e a Educação Midiática

O projeto de extensão do curso de Jornalismo da UnirG tem como tema central a Educação Midiática – área do conhecimento que reúne habilidades, competências e trabalha processos de ensino-aprendizagem que buscam preparar sujeitos para acessar, entender, discutir, criar e participar de forma crítica dos mais diversos veículos de mídias, sejam elas digitais, eletrônicas (Rádio e TV) ou impressa, como também de ambientes informacionais (BLANCO, 2021).

Desde a concepção do projeto “Rum, conversa!” tem-se que o contexto sócio-comunicacional é informado pelo fenômeno contemporâneo da pós-verdade (*post-truth*). A pós-verdade pode ser entendida como quando fatos concretos e objetivos têm menos relevância na formação de opinião pública que conclusões pessoais e/ou de pequenos grupos, as famosas bolhas informacionais ou bolhas de filtro (*filter bubbles*). Para Lúcia Santaella (2018, p. 36), o conceito de ‘pós-verdade’ tem dois sentidos, sendo que um significa “depois que a verdade tenha se tornado conhecida” e um outro que

tem mais relação com o momento sociotécnico dentro do qual pensamos o projeto de extensão. Essa segunda acepção significa “[...] quando a verdade se torna irrelevante”. Desse modo, o pré-fixo ‘pós’ não quer dizer ‘algo que aconteceu depois’, porém “[...] um tempo em que um conceito se tornou irrelevante ou sem importância” (SANTAELLA, 2018, p. 36), no caso, a verdade.

A ‘pós-verdade’, dessa forma, explica acontecimentos ligados à teoria social e política do ocidente e passa a ter maior visibilidade, em 2016, quando *The Oxford English Dictionary* elege o termo como ‘a palavra do ano’. A expressão empírica da ‘pós-verdade’ no cotidiano se dá a partir de uma estética política que traz em si nacionalismos e opiniões individuais com linguagens sensacionalistas. De modo que, as opiniões são emitidas por indivíduos e publicizadas sem crivos em um contexto de plataformização e midiaticização profunda da sociedade (COULDRY; HEPP, 2018; DIJCK; POELL; WAAL, 2018; HEPP, 2019). Diferente do que ocorria com mediadores sociais tradicionais, tais como jornalistas, intelectuais e cientistas que, ao veicularem informações e notícias estavam ligados a linhas editoriais (caso de jornalistas), instituições sociais, respondendo a um conjunto de técnicas, regras, legislações, códigos de ética profissionais e que no atual contexto vem perdendo a centralidade no debate público (MISKOLCI, 2021). Assim, “[...] a pós-verdade transfere a autoridade da ciência ou jornalismo sério para as produções e opiniões criando certos efeitos.” (DUNKER, 2018, p.39). E soma-se a isto a descredibilidade das instituições tradicionais – científicas e políticas – representadas pelo Estado (SANTAELLA, 2018).

Diante desse cenário e no contínuo esforço epistêmico e político de compreender e combater práticas informacionais como má informação, desinformação, mal informação³ que alimentam (e são frutos) da ‘pós-verdade’, é que

³ A Má informação (*mis-information*) é um conteúdo que distorce os fatos, se aproxima da ideia de boato, tem como característica não possuir um objetivo específico e nem um público específico (alvo do boato) e normalmente não causa danos significativos. As más informações são compartilhadas por pessoas comuns que muitas vezes fazem por inocência, ausência de um letramento midiático. Já a Desinformação (*desinformation*) é um conteúdo falso, produzido de forma consciente para causar danos. Caracteriza-se por distorcer fatos e prejudicar pessoas e/ou organizações. Trata-se de uma alteração ou manipulação da realidade que é publicizada em plataformas digitais e causa danos. Por fim, a Mal informação (*mal-information*) é uma informação verdadeira, mas que é compartilhada no intuito de causar danos a pessoas ou organizações. São informações de caráter privado que são publicizadas com objetivo de vingança e que causam constrangimento e humilhação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017).

vemos nas competências e habilidades da Educação Midiática um horizonte de expectativa para que indivíduos consigam acessar, entender e discutir as informações e conteúdos midiáticos que chegam a si, como também criar e participar, quiçá combater a desinformação.

Ademais, ao desenvolver o projeto de extensão fundamentamos nossas práticas e ações entendendo que vivemos em um mundo mediado por imagens (BEIGUELMAN, 2021), refutando perspectivas deterministas da tecnologia (WILLIAMS, 2016), como também apresentamos os espaços como relacionais (McQUIRE, 2011) e apresentando que nos ambientes digitais há protocolos de interação que implicam em condições para sociabilidades (BUCHER, 2012, 2018). Discutimos criticamente a relação da educação e da tecnologia a partir de Selwyn (2011) e organizamos os processos de ensino-aprendizagem aplicando propostas de metodologias ativas (MORAN; BACICH, 2018).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos o quão desafiador é pensar nos efeitos em larga escala e a longo prazo das práticas extensionistas em Educação Midiática para o combate à desinformação. Até aqui, no entanto, já foi possível erigir alguns resultados parciais que são necessários para fomentar novas discussões, debates e reflexões sobre a temática.

As ações desenvolvidas no terceiro ano do projeto de extensão do curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi (UnirG), “‘Rum, conversa!’ Educação midiática em pauta”, nos possibilitam inferir que a prática extensionista aporta contribuição com a práxis do ensino em Jornalismo e as diferentes faces do processo de atualização nos modos de produzir conteúdo e consumir informações midiáticas.

Compreendemos que o Jornalismo de Dados (matriz do curso), a produção de conteúdo midiático e a extensão universitária podem dialogar entre si e a partir deles ser possível fortalecer o engajamento da sociedade para o combate à desinformação, má informação e mal informação. As oficinas realizadas nessa fase do projeto também evidenciaram o complexo campo de tensionamentos entre a Educação Midiática e as crenças prévias individuais no contexto de plataformização e midiatização, revelando

a necessidade da elaboração de conteúdos críticos que relacionem às questões ambientais, étnicas, raciais, de gênero, territoriais etc.

Aqui, portanto, se fundamenta o convite a este desafio, que se coloca frente à responsabilidade e o comprometimento com o ato epistêmico e político de promover a Educação Midiática, fazendo com que a extensão universitária se torne um poderoso mecanismo de construção de conhecimento, por meio do qual acadêmicos (as), docentes e a comunidade externa possam estabelecer diálogos democráticos no contexto da pós-verdade.

REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, G. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. Ubu Editora, 2021.

BLANCO, P. Conceito de Educação midiática. *In: PASSOS, J. Educação Midiática. EPSJV FIOCRUZ*, Rio de Janeiro, 20 dez. 2012.

BUCHER, T. **Programmed sociality: a software studies perspective on social networking sites**. 2012. 221F.Tese (Doutorado em Filosofia). Departamento de Filosofia - Faculdade de Humanidades da Universidade de Oslo, Oslo (Noruega), 2012.

BUCHER, T. **If...then: algorithmic power and politics**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

COULDRY, N.; HEPP, A. **The mediated construction of reality**. Nova Jersey (EUA): John Wiley & Sons, 2018.

DIJCK, J. V.; THOMAS, P.; WALL, M. d. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 2018.

DUNKER, C. Subjetividade em tempos de pós-verdade. *In: DUNKER.T,C; FUKS,J.; TIBURI, M.; AFATLE, V. Ética e pós-verdade*. São Paulo: Litercultura, 2018. p.125-136

HEPP, A. **Deep Mediatization**. Londres: Routledge, 2019.

McQUIRE, S. A casa estranhada. **Revista do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ** (Dossiê: cidades midiáticas), Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 27-66, 2011.

MISKOLCI, R. **Batalhas morais**: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021 (Cadernos da Diversidade).

MORAN, J. BACICH, L (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018.

SANTAELLA, L. A pós-verdade é verdadeira ou falsa? In: CYPRIANO, F. (org.). **A pós-verdade é verdadeira ou falsa** [recurso eletrônico]. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SELWYN, Neil. **Education and technology**: key issues and debates. Londres: Continuum, 2011.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Estrasburgo (França): Council of Europe, 2017.

WILLIAMS, R. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. Trad. Márcio Serelle e Mário F. I. Viggiano. Prefácio Graeme Turner. Belo Horizonte/São Paulo: PUC Minas/BoiTempo, 2016.